

Guilherme José Santini\*

DOI: <https://doi.org/10.32334/oqmp.2019n44a65>

## A filosofia alemã de 1840 a 1900

### *German philosophy from 1840 to 1900*

Resenha do livro:

BEISER, Frederick. *Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900*. Trad. Gabriel Ferreira. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

A História da Filosofia Alemã do século XIX tem sido um assunto mais pesquisado nos últimos anos tanto no campo continental quanto no campo analítico, frequentemente segundo o objetivo de revisitar o leito seminal do qual brotam suas vertentes para melhor compreender as matrizes genéticas da Filosofia Contemporânea<sup>1</sup>.

Com História da Filosofia Alemã do século XIX, nos referimos a um leque amplo de autores e correntes, que vai além de Hegel, Nietzsche e Marx, e que contém, embora exceda as correntes mais conhecidas do período, como o Idealismo e o Romantismo, na medida em que alcança autores e linhagens menos conhecidas e não menos importantes para um estudo mais abrangente da História da Filosofia Contemporânea.

Frederick Beiser (1949 -), Professor da Syracuse University, em Nova Iorque, é um dos autores que tem se destacado no horizonte de pesquisas sobre esse assunto. Dirigidos ao público acadêmico, seus estudos mais recentes sobre a História da Filosofia Alemã do século XIX, como *Late German Idealism*:

---

1 À guisa de exemplo de como esse interesse é visível, alusão seja feita a um recente compêndio publicado pela Oxford University Press em 2015, contendo dezenas de artigos concentrados no assunto. Cf. FORSTER, Michael N.; GJESDAL, Kristin (org.). *The Oxford Handbook of German Philosophy in the Nineteenth Century*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

\* Instituto Federal de Mato Grosso / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
E-mail: [santini\\_silva@hotmail.com](mailto:santini_silva@hotmail.com)

*Lotze and Trendelenburg* e *The German Historicist Tradition*, ambos publicados nesta década, são livros que podem ser cotejados com os textos originais dos filósofos ali apresentados, pois o autor não se limita a fazer introduções enciclopédicas ao objeto em questão. Ao invés de oferecer introduções genéricas, Beiser busca introduzir o leitor na conversação entre os filósofos do período sem menoscarbar daqueles ignorados pelo grande público, advertindo-o sobre *o que* esteve em pauta e *por que* entrou em pauta na agenda filosófica de então.

Tendo por princípio uma determinada concepção de História da Filosofia como disciplina filosófica, após os já citados *Late German Idealism: Lotze and Trendelenburg* e *The German Historicist Tradition*, Beiser escreveu e obteve a publicação, em 2014, de *After Hegel: German Philosophy, 1840 - 1900*. Por enquanto, este é o único livro de Beiser traduzido em Língua Portuguesa. Traduzido pelo Prof. Dr. Gabriel Ferreira e publicado em 2017 pela Editora Unisinos<sup>2</sup>, o título da tradução é fiel ao título original: *Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900*.

*Depois de Hegel* não é um texto exaustivo, nem tampouco manualesco. Procurando compor uma História da Filosofia Alemã com atenção à segunda metade do século XIX, Beiser logrou êxito naquilo que propôs desde a Introdução: apresentar uma narrativa que sirva ao leitor interessado na História da Filosofia Alemã do século XIX como uma alternativa ou complemento ao que ele chama de “narrativas-padrão” sobre o mesmo período - narrativas que<sup>3</sup>

---

2 A publicação conta com uma Apresentação à Edição Brasileira assinada a quatro mãos – pelo tradutor, o Prof. Dr. Gabriel Ferreira, e pelo Prof. Dr. Mário Porta, da PUC-SP – este último, líder do Grupo de Pesquisa “Origens da Filosofia Contemporânea” (CNPq), e em cujas publicações também tem se dedicado a ampliar o conhecimento, pelo público de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola, de filósofos e correntes da Filosofia Alemã do século XIX menos conhecidas pelo grande público e não menos importantes na redefinição de itens da pauta filosófica desde então, sendo coincidentes nesse ponto seus trabalhos com os de Beiser. A conferir as publicações de Porta acerca de Frege, Brentano e do Neokantismo. Exemplo: PORTA, Mário A. G. *Estudos Neokantianos*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

3 Beiser dá como exemplo de uma “narrativa-padrão” o livro *Von Hegel zu Nietzsche*, de Karl Löwith, recentemente traduzido para a Língua Portuguesa e publicado pela Editora Unesp. Cf. LÖWITH, Karl. *De Hegel a Nietzsche*. Trad. Luiz Fernando Barrère Martin; Flammarion Caldeira Ramos. São Paulo: Editora Unesp, 2014. Sem desprezar a obra de Löwith, mas nem por isso escamoteando suas fraquezas, Beiser diz: “O problema com a história de Löwith encontra-se menos em si mesma do que em sua recepção. Ela é apenas uma das narrativas sobre a filosofia alemã do século XIX; mas é tratada como se fosse definitiva, a única ou a maior narrativa, quando pode e deve haver muitas outras. Se tomamos a de Löwith como a única ou a melhor delas, teremos uma visão muito limitada do objeto”. BEISER, Frederick. *Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

prestam muita atenção a personagens mais conhecidos pelo grande público<sup>4</sup>, e, por essa mesma razão, amputam o objeto de estudo, na medida em que sugerem ao leitor inadvertido que o legado da Filosofia depende de alguns poucos personagens geniais, ocultando a profusão de conversações filosóficas que cada geração mantém ou vem a renovar.

Ainda sobre a Introdução de *Depois de Hegel*, se há um mérito evidente do autor, está justamente na cortesia com a qual seu leitor é tratado. Desde as primeiras páginas de *Depois de Hegel*, Beiser expõe com clareza a que vem, qual é a razão de ser do livro, quais são os itens do menu oferecido, por assim dizer, e por que foram escolhidos aqueles filósofos e correntes ali expostos e não outros. Com essa clareza que lhe é peculiar, ainda na Introdução o autor expõe os seguintes pontos ao leitor, que ora resumimos e destacamos:

*o enfoque histórico do livro é a segunda metade do século XIX e não a primeira; logo, o livro não se detém sobre o Idealismo e o Romantismo;*

*os filósofos em foco foram selecionados em função das principais querelas ou “controvérsias” filosóficas desse período e não pelo critério da fama; logo, Nietzsche e Marx, por exemplo, pouco aparecem na história;*

*o fio condutor de sua narrativa não segue uma sucessão cronológica de autores ou décadas, mas os desenvolvimentos respectivos a cada uma das querelas filosóficas em revista, contendo diversos autores filiados a diferentes filósofos e/ou correntes filosóficas anteriores;*

*são cinco as querelas ou “controvérsias” em revista, no escopo da segunda metade do século XIX alemão: i. o surgimento do Neokantismo; ii. a controvérsia materialista; iii. o crescimento do Historicismo; iv. as raízes da Lógica moderna; v. o surgimento do pessimismo.*

*essas querelas dizem respeito a questões ou “problemas” filosóficos que ainda pertencem à agenda filosófica contemporânea.*

Gostaríamos de destacar a Metodologia adotada por Beiser. Na verdade, ele mesmo expõe ao leitor sua linha de raciocínio e o argumento sobre o qual se sustenta a sua visão da História da Filosofia como disciplina filosófica que

---

4 Beiser cita expressamente Hegel, Marx, Kierkegaard e Nietzsche.

guia seu texto. Uma premissa de Beiser é que não há filósofos “menores” na História da Filosofia. Além disso, suposto que o interesse pela História da Filosofia não pode ser esgotado por atitudes que ele denomina na Introdução de “antiquarismo” e “anacronismo” - isto é, pela mera erudição histórica ou por uma interpretação do passado que visa apenas à justificação da importância do presente -, será dever do historiador da Filosofia – ou seja, o seu próprio - narrar o passado de tal maneira que o leitor se interesse por aqueles autores e temas observando como se articulam as conversações entre os filósofos do passado, para então poder ele mesmo, o leitor, articulá-las com as conversações que compõem a agenda filosófica do presente que sejam de seu interesse, verificando assim, pela História da Filosofia, como e por que é que temas e questões filosóficas mantêm seu vigor mesmo quando se tornam cronologicamente distantes, de sorte que o interesse histórico seja reconhecido assim como um componente indispensável da reflexão filosófica e de sua produção acadêmica. Dessa maneira, a partir de uma concepção de História da Filosofia que evita deliberadamente encerrar-se dentro de limites estritamente historiográficos, Beiser faz História da Filosofia a fim de proporcionar ao leitor, ultimamente, além de um conhecimento histórico mais largo, um aparato hermenêutico que lhe permita ir às fontes primeiras munido de um conhecimento prévio acerca de seu contexto, isto é, acerca dos principais interlocutores, problemas e conceitos intermediários entre o próprio leitor e seu objeto de estudo. Será conveniente saber que *Depois de Hegel* também reflete essa preocupação metodológica em estabelecer a História da Filosofia como ferramenta e também como momento de reflexão propriamente filosófica.

Quanto ao livro em si, ele é composto por uma narrativa que perpassa cinco eixos temáticos; cinco querelas ou “controvérsias” filosóficas que caracterizam, na visão de Beiser, a segunda metade do século XIX alemão. Para cada querela há um capítulo. Esses cinco eixos da conversação filosófica na Alemanha de 1840 a 1900 selecionados por ele, tão diversos quanto tenham sido os “problemas” em pauta e seus respectivos proponentes e interlocutores, são apresentados pelo autor como desdobramentos - cronologicamente simultâneos e teoricamente articulados entre si - de uma interrogação de fundo. Com habilidade literária, em Beiser apresenta em *Depois de Hegel* esses cinco eixos temáticos de tal modo que o leitor entreveja uma interrogação subjacente ao fundo do movimento composto por todos eles; uma interrogação dirigida ao conceito de Filosofia e a sua razão de ser a partir do fato das novas Ciências emergentes no século XIX.

O que é a Filosofia, afinal? Qual é seu lugar de direito entre as Ciências que vieram a obter sua autonomia epistemológica - em relação à própria Filosofia - a partir do fim do século XVIII e agora se multiplicaram em número dentro das universidades ao longo do século XIX? A atividade filosófica na Alemanha, de 1840 a 1900, terá sido caracterizada por querelas que giraram em torno de suas próprias preocupações, indo de questões lógicas a questões éticas, mas que orbitaram todas ao redor de um mesmo centro gravitacional: a interrogação sobre a legitimidade da Filosofia como disciplina acadêmica, interrogação que carregou um conteúdo dramático pela concorrência inédita com essas novas Ciências, que vão da Biologia à Fisiologia cerebral<sup>5</sup>, na estrutura universitária.

Verificado o declínio da influência de Hegel e do Romantismo como uma exaustão da própria reflexão filosófica; postulado pelo movimento historicista a supremacia do ponto de vista histórico na tarefa do conhecimento da humanidade, necessariamente imanente e relativo; presumido, com o sucesso de novas pesquisas experimentais nas áreas da Física, da Biologia, da Psicologia, que a Filosofia talvez seja agora, se muito, apenas uma serva das Ciências; somado a isso a produção, em virtude de sucessos iniciais no campo da Fisiologia cerebral, de novas expectativas no sentido da Psicologia experimental vir a ser capaz de explicar o que há de oculto sobre a mente humana e os problemas relacionados ao comportamento humano; suposto que as novas Ciências experimentais possam e venham a dar agora a última palavra sobre questões até então propriamente metafísicas, como o problema do mal e o sentido da vida - diante desse panorama, qual lugar e função se poderia atribuir de direito à Filosofia, disciplina acadêmica, necessariamente exotérica? Por que filosofar, em virtude de quais argumentos, após o sucesso inquestionável das novas Ciências Naturais e Históricas, mais úteis e prestigiadas do que nunca na tarefa do conhecimento da Natureza e da Humanidade?

À tarefa de oferecer uma resposta satisfatória a essas interrogações sobre o lugar de direito da Filosofia se dedicaram, por diferentes caminhos e segundo diferentes matrizes teóricas, os personagens de *Depois de Hegel*. Eles terão conduzido a Filosofia do declínio do hegelianismo ao século XX. O intervalo de 1840 a 1900 na Filosofia Alemã terá sido, portanto, um momento de transição; por isso mesmo, de redefinições de certos conceitos clássicos, descoberta de novos conceitos, giros de perspectiva na abordagem de antigos problemas – *Ciência, fato, experiência, razão; Mundo da Vida, vivência, cosmovisão*; a relação sujeito-objeto, o sentido da vida... Redefinições,

---

5 Um correlato, senão um sinônimo, das Neurociências atuais.

descobertas, giros de perspectiva que Beiser narra como desdobramentos consequentes à interrogação sobre o conceito de Filosofia e seu horizonte de investigação próprio e legítimo.

Por isso mesmo, não será errado dizer que o Capítulo 1 de *Depois de Hegel*, intitulado “A Crise de Identidade da Filosofia”, poderia servir de subtítulo adicional à obra, encerrando nessa expressão seu tema de fundo. A história da Filosofia Alemã de 1840 a 1900 narra por Beiser em *Depois de Hegel*, contemplando filósofos e cientistas desconhecidos ou conhecidos apenas nominalmente do público acadêmico-filosófico no Brasil - como Adolf Trendelenburg, Hermann Lotze, J. F. Herbart, Hermann Helmholtz, Ernst Haeckel, Emil Du Bois-Reymond, Eduard von Hartmann, Wilhelm Windelband, Wilhelm Dilthey... - narra articulações históricas e teóricas entre diferentes personagens filosóficos e científicos expondo ao leitor como o pensamento filosófico sobre a própria Filosofia interage com o desenvolvimento da pesquisa científica e padece os efeitos também da consciência histórica, sem deixar de vigorar acima dos êxitos e declínios das diferentes escolas de pensamento, nenhuma delas capaz de sequestrar a Filosofia, de apontar-lhe sua essência e seu destino em definitivo, conquanto todas elas sejam úteis para manter acesa a chama do pensamento filosófico, principalmente nos períodos de transição.

*Depois de Hegel* tem o mérito de conseguir ser útil ao leitor apenas superficialmente informado sobre a Filosofia Alemã no século XIX, sem prejuízo à qualidade e à profundidade do texto. Qualquer que seja o nível de informação do leitor a respeito da Filosofia Alemã e sua história, a leitura de *Depois de Hegel* há de ampliar o interesse sobre o assunto, tão ricas são as controvérsias em questão em número de interlocutores e em seu arcabouço teórico e conceitual, tão variados são os eixos temáticos abordados, da Lógica à História, descritos por um talento narrativo que faz justiça tanto ao leitor inadvertido, como dito, quanto ao leitor melhor informado sobre o assunto.

## Referências

- BEISER, F. *Depois de Hegel: a filosofia alemã de 1840 a 1900*. Trad. Gabriel Ferreira. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.
- FORSTER, M. N.; GJESDAL, K. (org.). *The Oxford Handbook of German Philosophy in the Nineteenth Century*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- LÖWITH, K. *De Hegel a Nietzsche*. Trad. Luiz Fernando Barrére Martin; Flammarion Caldeira Ramos. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- PORTA, M. A. G. *Estudos Neokantianos*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.